# O PERNA-DE-PAU

João Nogueira

Era uma figura um tanto enigmática da Fortaleza muito antiga.

Tendo em 1820 naufragado aqui por perto um iate, perna-de-pau que ali vinha, escapando ao sinistro, veio dar às nossas praias.

Homem branco, manso e de presença agradável, queria passar por francês, mas uma argola de ouro que trazia na orelha esquerda fazia desconfiar que tivesse sido pirata italiano ou espanhol.

Não consta da velha crônica que conhecemos que tivesse exercido aqui ofício algum nem que negociara; pelo que passava por homem de dinheiro.

Comprou umas casinhas na rua de Baixo, ali onde A. C. Mendes teve a tipografia do *Correio do Ceará*.

Dizia chamar-se José Sati; fazia tôda a barba e tinha o pé esquerdo cortado, trazendo a perna em uma bota de pau prêsa por correias. Daí lhe veio o apelido pelo qual se tornou conhecido e acudia.

Era solteiro e só tinha em casa uma escrava por nome Maria que lhe servia de cozinheira, além de prestar-lhe todos os demais serviços domésticos.

Quando morreu achou-se-lhe apenas as casinhas e a escrava.

Começou então a correr a versão de que deixara todo o seu dinheiro enterrado no quintal da casa onde morreu. Parece que esta suposição teve origem no fato de perna-de-pau ter pago duas patacas a Januário, escravo de meu avô João Franklin de Lima, para abrir, à noite, no quintal de sua casa, uma grande cava para, dizia êle, enterrar lixo.

Se assim o fêz, não se sabe; mas continuou por muito tempo o vozear do povo afirmando que ali ficara enterrada uma fortuna.

Os nossos antigos costumavam enterrar o seu dinheiro à falta de bancos ou de estabelecimentos onde o pudessem guardar com

segurança; e daí as inúmeras histórias que se contam de botijas achadas na Fortaleza, e em outros pontos do Ceará.

O caso de perna-de-pau é uma pura lenda, quase que uma acusação, que também pesou sôbre João Barbado, velho usurário que morava sòzinho e negociava em uma bodega da praça do Patrocínio.

Quer uma tradição que corre paralelamente a esta, que Sati se impingia como antigo soldado de Napoleão, tendo perdido o pé esquerdo na batalha de Waterloo. Sentindo-se mal em França de lá fugira e, atirando-se ao mar, de déu em déu, veio ter às nossas praias de límpidas areias.

A Fortaleza no tempo de Sati (1820) era um núcleo atrasado de população e por isso mesmo ninguém se proporia a verificar se perna-de-pau fôra, outrora, um herói de Waterloo.

O governador Rubim, como bom português que era, bem podia ter mandado tirar uma devassa sôbre a vida e obras de Sati, mas absorvido com as questões políticas do seu tempo teria preferido seguir o axioma latino: *De minimis nom curat pretor.*

Sati não deixou fama de esperto e de tratante como outros que por aqui passaram. cuja crônica daria tema para interessante romance policial.

O *Marquês de Cavalcante* é um dêstes. Dizia-se médico e trazia como atestado de sua capacidade profissional um arsenal completo de instrumentos de cirurgia.

Segundo se dizia, êste finíssimo aventureiro chegou, mesmo, a receitar... Tinha lábias para enganar tôda gente; e o seu trabalho profissional que mais deu nas vistas foi introduzir-se na intimidade de certo capitalista cearense, de quem se dizia parente e, com o sorriso nos lábios e doces palavras extorquiu-lhe grande soma. Nada mais fácil a um tratante do que enganar um homem de boa-fé.

Êsse honrado capitalista, ao descobrir o lôgro em que caíra, e pensando nas mil e uma atenções com que o seu parente e amigo dedicado o rodeara, diria lá consigo a modo de perdão:

Mas quem pode livrar-se porventura?

Dos laços que o amor arma brandamente?

Ainda não estava completamente apagada a lembrança do marquês, quando recebemos a visita de um certo Asclepíades que se dizia sobrinho e amicíssimo do Dr. Benedito Valadares, presidente de Minas Gerais.

Êste aventureiro desfrutou Fortaleza a seu gôsto. Bela hospedagem no Excelsior, automóvel à sua disposição, passeios, boas noitadas etc.

Sempre arrotando grandezas e intimidades com políticos importantes do Rio, prometia empregos e boas colocações aos basbaques que o rodeavam, entre os quais, porém, já haviam uns tantos vedóias que viam nêle uma mina a explorar. Mas, o que é bom não dura, diz o adágio.

Estava Asclepíades uma boa vida na Fortaleza quando um telegrama daqui para Valadares dava conta da chegada e recepção de seu sobrinho e representante.

Foi um desastre a resposta dêste despacho na qual o chefe de polícia de Minas requisitava a prisão dêsse atrevido intrujão.

Caíram então as escamas de muitos olhos.

Enrolado em uma fôlha de papel, êste nôvo Rocambole foi prêso e recambiado para o Sul onde continuou a fazer das suas.

Seria um livro curioso aquêle em que alguns dos nossos cronistas reunisse as façanhas destas e muitas avoantes que aqui têm vindo com o único intuito de explorar êstes brasis.

(*Correio do Ceará*, 16 de dezembro de 1944).